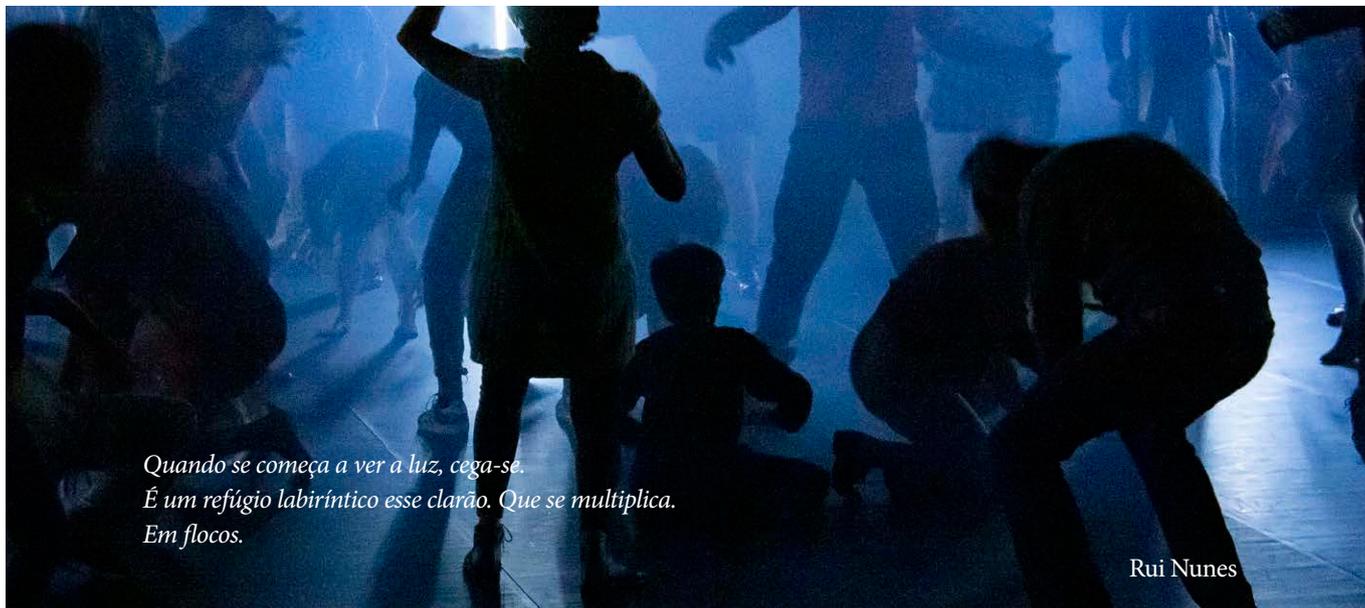


CLARÃO

[André Braga e Cláudia Figueiredo / Círculo]



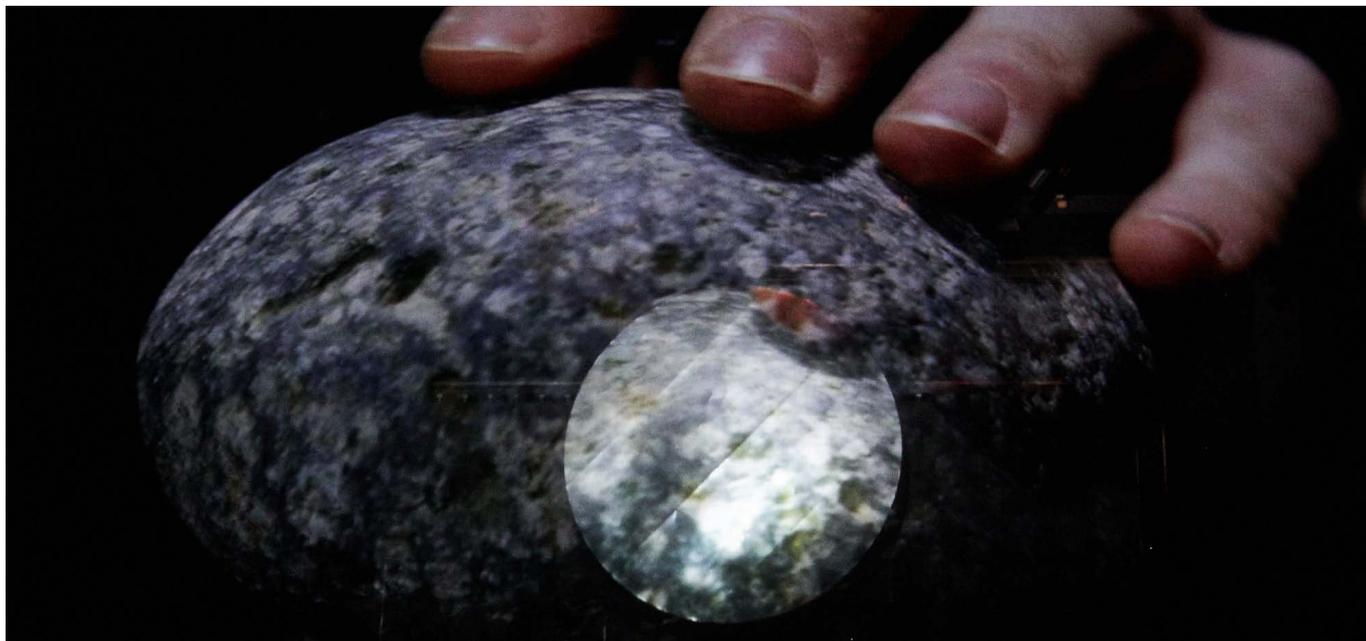
*Quando se começa a ver a luz, cega-se.
É um refúgio labiríntico esse clarão. Que se multiplica.
Em flocos.*

Rui Nunes

Ir ao princípio dos deuses sem descolar dos dias de hoje é o desafio na origem do projecto. Na base das investigações, os rituais de iniciação milenares que ousam interrogar os mistérios da morte e da luz, do caos e do tempo primordial. São de todos os tempos os rituais que convidam a que ultrapassemos os nossos próprios limites, que não desistamos de procurar o desconhecido, o limiar. Pedra, ar, sangue, cinzas, incubação de sonhos, clarões... no complexo arqueológico de Panóias fomos encontrar um universo mitológico com ligações ao Antigo Egipto. Sérapis, Ísis, Osiris, a tríade que anda por ali... O projecto tem uma forte dimensão transdisciplinar, assentando em diálogos imbricados entre dança, teatro, som, luz e vídeo, e conta com a participação de um grupo da comunidade local.







Na origem do projecto, um convite para desenvolvermos uma reflexão sobre a ideia de ritual a partir do Serapeum de Panóias.

Complexo arqueológico de grande singularidade, situado nos arredores de Vila Real, Panóias é um intrigante espaço ligado aos inícios do sagrado, quando as grandes fragas e os grandes montes eram como que divinizados. Templo depois dedicado aos deuses severos e a Serápis fica associado ao mundo subterrâneo e aos cultos místéricos orientais. O Antigo Egipto, sua cosmogonia e filosofia sobre a iniciação e regeneração da luz, o mundo evocado.





De Panóias sempre quisemos relevar as dimensões transversais a todos os tempos e lugares, tendo optado por uma abordagem livre e bastante sensorial.

Interessou-nos muito aprofundar o tempo dos princípios dos deuses, as visões panteístas e outras versões do sagrado difuso. Interessou-nos o universo nocturno, a ideia da morte mística no cruzamento com a prática da incubação de sonhos, as vozes antigas, os fantasmas que nos habitam. Interessaram-nos os rituais de transe, de iniciação, a energia vermelha, o convite à “ultrapassagem dos seus próprios limites à procura do limiar”.



Querendo relevar a dimensão intemporal dos rituais que nos ocupavam e a semelhança de algumas das energias em jogo com as do acto teatral, foi ideia nuclear de partida trazer aqueles rituais longínquos para o aqui e agora do espectáculo. Trabalhar na linha tensa da experiência imersiva e da mitologia milenar a opção seguida.

O projecto envolve um trio de bailarinos e um grupo da comunidade local, procurando-se abordar também um duplo foco: o indivíduo e o coro, a história singular e a paisagem colectiva.

A dimensão vivencial do ritual é aquela que fundamentalmente aprofundamos com o grupo, convidando-os a experienciar algumas das forças que relevamos daqueles rituais: silêncio ar coração transe dádiva clarão transparência entrega suspensão.

O espectáculo trabalha na fusão de múltiplas linguagens, sendo de algum modo comum a todas a busca de um tom forte e visceral.

“A testa fica tensa. Mãos aos olhos, clarão, pode ser sol farol lanterna.

Luz forte que tapa as vistas de branco.”





Estreia: Novembro 2018 | Duração: 75 minutos | Maiores de 12 anos

Clarão é recriado em cada local de apresentação. A participação de um grupo de pessoas da comunidade local oferece esse potencial de integração criativa, com novos redireccionamentos da obra.

Os membros da comunidade que integram o nosso coro são intermediários entre o espaço onde ocorre a acção e a audiência que assiste à performance, estabelecendo relações sociais entre os elementos da Circolando, o público e as instituições representadas.

Comunidade: grupo heterogéneo de 32 a 42 pessoas, maiores de 12 anos

Ensaios: 1 semana | Montagem: 4 dias

Equipa em itinerância: 10 pessoas (3 viajam antecipadamente para os ensaios com a comunidade)

Direcção: André Braga
Dramaturgia: Cláudia Figueiredo e Gonçalo Mota
Composição musical: Pedro Augusto
Co-criação e interpretação: Bruno Senune, Daniela Cruz, Valter Fernandes e grupo da comunidade local.
Participação nos primeiros ensaios: Paulo Mota
Assistência de direcção: Ricardo Machado
Concepção plástica: André Braga e Pedro Azevedo
Vídeo: Gonçalo Mota
Luz: Cláudia Valente
Realização plástica: Pedro Azevedo e Pedro Coutinho
Coroas: Sandra Neves
Direcção produção: Ana Carvalhosa
Produção executiva: Cláudia Santos com o apoio de Carolina Cardoso

Espectáculo criado por encomenda dos Teatros Municipais de Vila Real e Bragança, no âmbito do projecto
Algures a Nordeste, co-financiado pelo Norte 2020

Co-produção: Circolando e Teatro Nacional São João



A Circolando é uma estrutura subsidiada por República Portuguesa / Direcção Geral da Artes
Outros apoios: IEFP / Cace Cultural do Porto

cicolando - cooperativa cultural, CRL
geral@cicolando.com - www.cicolando.com - (+351) 225 189 157 - (+351) 936 272 636